



A SENSUALIDADE COMO MEIO DE MANIPULAÇÃO FEMININA: *o caso do mito de Psiquê e Eros em "O Asno de Ouro" de Apuleio (séc II D.C.)*

Bruna Carolina Monteiro

bruna.c.monteiro@unesp.br
Graduada em História (UEL)

Orientadora: Profa. Dra. Monica Selvatici (UEL)

RESUMO: Esta pesquisa analisa a representação da sexualidade e do erotismo feminino na obra de literatura latina *O Asno de Ouro*, escrita pelo autor romano-africano Apuleio, no século II d.C. A obra satírica é norteadada por temáticas como magia e erotismo, principalmente quando relacionado às personagens femininas que, de maneiras diferentes, exploram sua sexualidade para atingir autonomia. Como foco dessa pesquisa, foi selecionado o mito de Psiquê e Eros, narrado nos livros IV e V da obra, onde a personagem Psiquê faz uso de sua sensualidade para convencer seu esposo a realizar seus desejos. Utilizando a obra literária como instrumento de análise, pode-se compreender os aspectos sociais da época na qual a obra foi escrita, pois ela carrega indícios da visão e interpretação do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade feminina; *O Asno de Ouro*; Apuleio; Psiquê e Eros.

ABSTRACT: This research analyzes the representation of sexuality and female eroticism in the Latin work *The Golden Ass*, written by the Roman-African author Apuleius, in the 2nd century AD. The satirical work is guided by themes such as magic and eroticism, especially when related to female characters, who in different ways explore their sexuality to achieve autonomy. As the focus of this research, the myth of Psyche and Eros was

selected, narrated in books IV and V of the work, in which the character Psyche makes use of her sensuality to convince her husband to fulfill her desires. Using literary works as an instrument of analysis, it is possible to understand the social aspects of the time in which the work was written, as it carries evidence of the author's vision and interpretation.

KEYWORDS: Female sexuality; The Golden Ass; Apuleius; Psyche and Eros.

INTRODUÇÃO

Apuleio nasceu por volta de 125 d.C. e faleceu em 180 d.C., pertencente à aristocracia da província romana Madaura (atual M' Daourouch, na Argélia). Erudito, estudou em Cartago, Atenas e Roma, traduziu autores gregos para o latim e estudou retórica, gramática, filosofia, poesia e geometria: “a base da formação de um homem que deveria, como aristocrata, tratar dos assuntos políticos do Império e ocupar cargos públicos” (SILVA, 2010, p. 53). Por ser oriundo de uma família que ocupou cargos públicos na administração de Madaura, Apuleio fez parte da ordem dos decuriões¹ e ocupou um cargo no Senado, devido à tal ordem social ser hereditária (SILVA, 2010, p. 39).

O Asno de Ouro ou *Metamorfoses* é datado para depois de 160 d.C., ao final da vida de Apuleio. O autor escreveu a obra primeiramente em grego e depois a reescreveu em latim, fazendo algumas modificações no último livro. Essa é a única obra de literatura latina integralmente preservada até a contemporaneidade (FURLANI, 2019, p. 146). Dois títulos ficaram para a história em relação à obra satírica de Apuleio: Adriane da Silva Duarte (2020, p. 09) explica que foi encontrado um códice de 395-397 d.C. com o título de *Metamorfoses*, sendo esse o primeiro registro conhecido do texto; contudo, a obra é mais conhecida

¹ Os decuriões compunham o conselho municipal à imagem do Senado romano.

como *O Asno de Ouro*, denominação que o teólogo e filósofo Agostinho de Hipona (354 d.C.-430 d.C.) lhe deu em sua obra *Cidade de Deus*.

O livro conta a história de Lúcio, um jovem grego que viaja até a região da Tessália em busca de aprender artes mágicas. Ao chegar à cidade, bebe por engano a poção de uma bruxa e é transformado em um burro. Enquanto permanece como animal, é vendido e trocado por vários donos, o que lhe permite observar e escutar os humanos que o rodeiam. Dessa forma, acompanha, como espectador, a vida de várias pessoas em diferentes posições sociais do Império Romano, até conseguir reverter o feitiço ao se iniciar no culto de Ísis. A deusa egípcia o transforma novamente em um homem em troca de Lúcio se tornar um dos seguidores de seu culto.

A obra de Apuleio é classificada como uma novela, apresentando tendências helenísticas e orientalizantes², com uma estrutura narrativa que compõe diversas tramas paralelas ao redor de uma trama central, com elementos fantásticos predominantes (FURLANI, 2019, p. 147). A narração da obra aqui analisada se alterna entre diversos personagens, com histórias independentes ou que possuem ligação uma com a outra, sempre tendo Lúcio, em sua forma de burro, e o leitor como testemunhas. As novelas são norteadas por temáticas com magia e erotismo, principalmente quando relacionadas às personagens femininas.

O que se propõe aqui é, através do conceito de representação proposto por Roger Chartier (1990), analisar a forma como Apuleio apresenta a sexualidade feminina de sua época em sua obra literária *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro* (séc II d.C), pois tal autor estava inserido em uma sociedade que possuía costumes e valores estabelecidos. De acordo com Chartier, o autor e editor de um livro pensam criar uma

² Apuleio descreve em sua obra os cultos de Ísis e Atargatis, que eram cultuados em algumas regiões do Império Romano. O Asno de Ouro ou *Metamorphoses* corrobora com a disseminação de cultos orientais no Mediterrâneo. Ao longo de sua vida, Apuleio participou de vários cultos de mistério, e escolheu a deusa egípcia Ísis para ser a salvadora de seu personagem Lúcio, ao transformá-lo novamente em homem.

compreensão correta para seus leitores, um sentido único. Contudo, o leitor cria sentido e significados individuais, não se reduzindo apenas às intenções do autor e editor. Sendo assim, é necessário levar em conta a liberdade do leitor e as estratégias pelas quais os autores e editores buscam impor sua visão de mundo, já que “o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores” (CHARTIER, 1990, p. 123). Dito isto, entendemos ‘representação’ conforme Chartier em *O mundo como representação* (1991), artigo no qual o autor francês define o conceito como um certo tipo de prática que tem por função conferir sentido ao restante das práticas sociais.

No que concerne o processo de escrita de um trabalho sobre a representação feminina, Joan Scott (2011, p. 64) apresenta um estudo sobre a trajetória da história das Mulheres relacionado aos movimentos feministas na década de 1960, quando se reivindicava heroínas na História. De acordo com a autora, em meados da década de 1970, a História das Mulheres ampliou o seu campo de estudos, documentando todos os aspectos das vidas das mulheres, sem se centralizar no campo político. O acúmulo de pesquisas foi o que levou à um novo campo de estudo.

Com a ampliação dos estudos sobre a história das mulheres, temáticas como as lutas e greves no cotidiano das fábricas, o papel das mulheres na família, o casamento, a maternidade, a sexualidade e a prostituição passaram a ser explorados (MATOS, 2013, p. 08). Em decorrência disso, as relações entre público e privado, as formas de estratégias e resistências criadas no cotidiano, e as questões demográficas e políticas foram utilizadas como objetos de estudos para a produção historiográfica sobre o feminino.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA SEXUALIDADE FEMININA NO MUNDO ROMANO

Até o século XX, a pesquisa e o ensino de História estavam voltados para a história dos homens e os vestígios das mulheres eram encontrados no olhar masculino. Ademais, a seleção dos documentos que continham o registro das mulheres era feita por homens que estavam no poder. No que diz respeito a Antiguidade Clássica, foi somente a partir do século III d.C. que as mulheres passaram a ser contabilizadas em Roma como um todo; anteriormente à esse período, somente as mulheres herdeiras eram consideradas relevantes no cadastramento romano (DUBY; PERROT, 1990, p. 42).

A contradição em relação à presença feminina ao longo da história chama a atenção: ao mesmo tempo em que há uma falta de informações concretas em documentos oficiais, uma grande quantidade de discursos e imagens foram feitos dizendo o que são as mulheres e como elas viviam. Georges Duby e Michelle Perrot (1990, p. 45) apontam que antes de as mulheres terem a palavra sobre si mesmas, pensadores e grandes figuras masculinas de uma época descrevem incansavelmente o que são as mulheres e apontam quais são os deveres delas. Sobre os vestígios femininos, os autores afirmam que:

Quantos diários íntimos, quantas cartas queimadas por herdeiros indiferentes ou irônicos, ou mesmo pelas próprias mulheres que, no crepúsculo de uma vida magoada, remexem as cinzas das suas recordações, cuja divulgação temem. Das mulheres guardaram-se, muitas vezes, objetos: um dedal, um anel, um missal, uma sombrinha, a peça de um enxoval, o vestido de uma avó, tesouros de sótãos e armários; ou então imagens, arrumadas em museus da Moda e do Traje, memória das aparências. (DUBY; PERROT, 1990, p. 46).

Dessa forma, utilizar como fonte de estudo documentos que não fazem parte de instituições oficiais, como o Estado e a Igreja, permite que ocorra um enfrentamento à fragmentação de documentos sobre as mulheres. Maria Izilda de Matos discorre que o uso de “[...] jornais,

periódicos, imprensa feminina e feminista, canções, provérbios, literatura, cronistas, memorialistas, folcloristas, teatro, cinema e fotografia [...]” (MATOS, 2013, p. 09) fornece informações que são de extrema importância no estudo sobre a presença feminina na história.

Em relação a participação das mulheres na vida pública romana, Amy Russell (2015, p. 25) alega que não podemos entender os conceitos de “público” e “privado” da mesma forma que no mundo contemporâneo, devido a esses entendimentos não serem os mesmos para os romanos. Uma casa aristocrática romana poderia ser tanto pública como privado, já que a *domus* era vista como um símbolo do poder e da riqueza de uma figura pública, e funcionava como a base do poder político dessas pessoas, com reuniões sendo realizadas lá. Ao mesmo tempo, a *domus* é o lar de uma família, uma residência particular.

Á vista disso, as mulheres poderiam estar cientes das questões políticas de sua região, por estarem inseridas no mesmo ambiente em que a vida pública era discutida. As noções de público e privado se confundem dessa maneira, não sendo possível afirmar que as mulheres estavam inseridas apenas no âmbito privado e doméstico.

Os conceitos de “amor” e “paixão” presentes na obra de Apuleio são marcados pelos ideais do estoicismo, movimento filosófico e espiritual muito divulgado do século III a.C. até ao ano 300 d.C. entre os povos do Mediterrâneo e da Ásia Menor. O estoicismo defendia uma valorização da racionalidade em relação ao sentimentalismo: agir pelo coração era considerado perigoso por deixar o ser humano vulnerável. Além disso, Paul Veyne discorre que a moral romana determinada pelo estoicismo considerava o sexo como algo perigoso, pois “o sexo certamente não é um pecado, mas um prazer; só que os prazeres constituem um perigo, assim como o álcool. Portanto, pela saúde, é necessário limitar seu uso e, ainda mais prudente, abster-se por completo”. (VEYNE, 1994, p. 38-39).

A mudança social do século II d.C., caracterizada pela filosofia estoica, representou a passagem de uma moral cívica para a moral do

casal. Veyne argumenta que “A primeira moral dizia: “Casar-se é um dos deveres do cidadão”. A segunda: “Quem quer ser um homem de bem só deve fazer amor para ter filhos; o estado do casamento não serve aos prazeres venéreos”. (VEYNE, 1994, p. 48). Dessa maneira, o casamento passa a ser mais do que uma formalidade para gerar filhos legítimos; o esposo e a esposa deveriam viver juntos de maneira racional, como parceiros em um acordo.

Porém, Michel Foucault afirma que não era às mulheres que essa moral era endereçada, tratava-se de uma moral de homens, “uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente livres” (FOUCAULT, 1998, p. 24). Dessa forma, as mulheres só apareciam como parceiras que precisavam ser educadas quando sob a autoridade de um homem.

Peter Brown destaca a *concordia* (cooperação) e a *homonoia* (união) do bom casamento, virtude política e social em Roma. Brown argumenta que, com a nova moral romana, o casamento passou a ser visto como algo a se dar exemplo do comportamento dos “bem-nascidos”. As relações de “homem e mulher refletem a cortesia grave e a lealdade incondicional por sua classe com as quais o homem poderoso deve ao mesmo tempo abraçar amorosamente sua cidade e confrontá-la firmemente”. (BROWN, 1994, p. 239). Por ter sido integrante da aristocracia e possuído conhecimentos eruditos, Apuleio estava em contato com o estoicismo e suas repercussões na sociedade em mudança do segundo século. Assim, Apuleio demonstra ter incorporado para si as crenças estoicas ao ter escrito suas novelas com a nova moral do estoicismo.

Contudo, Brown discorre que tal regramento masculino estava restrito à elite romana, e muitos membros da aristocracia apresentavam outro comportamento quando se relacionavam com pessoas de camadas inferiores, como “uma sucessão de espetáculos, comodidades e decorações cujas crueza e franca obscenidade contrastam de modo

flagrante com o autocontrole altaneiro que esses homens se arrogaram com o sinal de sua condição superior” (BROWN, 1994, p. 234). Dessa forma, a obra *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses* diz respeito à uma camada popular que não seguia os ideais da filosofia estoica: pessoas que não eram vistas como cultas e eruditas, e sim levianas e eróticas no olhar da aristocracia romana.

A expressão “sexualidade” é utilizada somente a partir do século XIX, entretanto Lourdes Feitosa elucida que, mesmo com o termo “sexualidade” não possuindo um valor epistemológico para as sociedades Antigas, o seu uso é apropriado por historiadores contemporâneos por “considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos” (FEITOSA, 2008, p. 128). Mesmo o conceito de sexualidade não existindo para as sociedades antigas, a historiografia contemporânea a utiliza numa busca de compreender o que o corpo significava para a Antiguidade Clássica.

Logo, analisar a sexualidade é criar um entendimento sobre a história do corpo e sobre como os seres humanos se relacionavam com seus desejos e suas emoções. Não se trata de impor uma ideia anacrônica de sexualidade para a Antiguidade, mas de compreender o que era considerado erótico e imoral em sociedades anteriores, assim como a relação das mulheres com a procriação.

Marina Cavicchioli (2003, p. 287) alega que as conquistas do movimento feminista nas últimas décadas do século XX garantiram o direito feminino à uma sexualidade mais autônoma, se afastando dos discursos que vinculavam a sexualidade feminina à reprodução e ao prazer masculino. Dessa forma, surgiram novas abordagens na historiografia para o estudo sobre a sexualidade feminina, buscando questionar os papéis da submissão sexual até então designados para as mulheres ao longo da História.

Em *O Asno de Ouro*, as personagens femininas adquirem autonomia e poder de persuasão quando tomam consciência de sua sexualidade e feminilidade. À parte a representação veiculada por Apuleio na obra, é possível que, numa sociedade tão restrita à participação feminina como a da Roma Antiga, ter consciência do poder que sua sensualidade poderia produzir conferisse à algumas mulheres a conquista de certo poder para si mesmas e a sua inserção no ambiente masculino.

O MITO DE PSIQUE E EROS

Nos livros IV e V de *O Asno de Ouro*, o mito de Psiquê e Eros é narrado por uma velha senhora que está consolando uma moça que foi raptada por ladrões. Lúcio, que se encontra em sua forma de burro, está na posse desses ladrões e ouve o relato.

O mito conta sobre um rei que tinha três filhas, as duas mais velhas apresentavam uma beleza mediana, mas a mais nova era tão bela que a princesa era comparada à própria deusa Vênus. Ao descobrir que uma mortal estava roubando sua atenção, Vênus pede para que seu filho, Eros, se vingue por ela, fazendo com que a princesa mais moça, Psiquê, se apaixone por um homem que não seja digno de matrimônio. Ao mesmo tempo, o oráculo de Apolo profetiza que o marido de Psiquê será um monstro cruel que voa pelos ares e que a princesa deve ser levada a um rochedo escarpado e entregue pelo rei às núpcias da morte. O futuro marido a encontraria no rochedo profetizado.

O rei, então, atende a profecia e prepara sua filha para seu destino, o que causa um luto público por toda a cidade. Após ser entregue ao rochedo, Psiquê adormece, e Zéfiro (o vento) a desloca gentilmente até um palácio real que parece ter sido feito com arte divina. Ao cair da noite, Psiquê recebe em seu leito o marido que a profecia determinou, mas ele não se permite ser visto e só se encontra com a princesa quando está escuro.

Ao sentir que as irmãs de Psiquê poderiam ser um problema no futuro, seu esposo a alerta para que ela nunca tente conhecer o seu rosto, por mais que suas irmãs mais velhas a atentem para isso, pois a curiosidade lhe traria infelicidade. Em certo momento, Psiquê se utiliza de sedução e promessas de amor para convencer o seu marido a deixá-la receber a visita de suas irmãs em seu lar. Ao chegarem no palácio, e verem a vida luxuosa que a irmã mais jovem vive, suas irmãs mais velhas são tomadas pela inveja e planejam roubar toda a riqueza da bela mulher. Ao fazerem perguntas sobre o marido de Psiquê, descobrem que ela não conhece o rosto do homem com quem se casou, e usam esse fator no plano.

As duas mulheres convencem Psiquê de que seu esposo é uma terrível serpente que atormenta a todos na cidade e que logo ele a devorará. Entregam uma navalha bem afiada à irmã mais moça junto com uma lâmpada, e pedem para que ela as esconda à noite e, silenciosamente após o seu marido adormecer, corte o nó que liga a nuca à cabeça da serpente maléfica.

Na mesma noite, sentindo determinação, Psiquê coloca em ação o plano de suas irmãs. Ao aproximar a lâmpada do rosto do marido, a jovem esposa encontra não um monstro, mas o semblante do divino de Eros, o próprio amor. Devido à grandiosa beleza do amante, Psiquê se atrapalha e acaba derrubando uma gota de óleo fervente da lâmpada no ombro do deus. Eros, ao acordar assustado e ferido, percebe a traição de sua esposa e voa para fora do palácio, decepcionado.

Psiquê planeja uma vingança contra suas irmãs e diz que Eros havia pedido o divórcio e desejava se casar com uma delas, o que leva as duas mulheres a serem atraídas até o precipício do palácio, causando a morte de ambas. A bela mulher inicia uma jornada em busca de seu amante, o que a leva até Vênus. A deusa, tomada por raiva e com sede de vingança, faz com que a nora passe por provas para que sofra. Psiquê é bem-sucedida na realização de suas provas, pois tem o

auxílio da natureza, graças ao pedido de Eros. Porém, ao realizar a última provação, a jovem esposa se deixa levar pela curiosidade e abre uma caixinha onde há um sono mortal.

Eros, desesperado ao sentir que poderia perder sua amada, vai aonde ela está. Recoloca o sono na caixinha e a desperta com uma leve picada de uma de suas flechas. O deus conta sobre o pedido que Vênus havia feito para que ele encontrasse um marido indigno para Psiquê mas, que ao ver a bela mulher, decidiu ele próprio se tornar seu esposo, contrariando o pedido de sua poderosa mãe. Para que a união dos amantes seja aceita pelos deuses, Eros suplica a Júpiter que realize um casamento que não seja desigual entre eles. Júpiter atende ao seu pedido e transforma Psiquê em uma imortal, o que permite a eterna união entre eles.

A EMANCIPAÇÃO DE PSIQUÊ ATRAVÉS DE SUA SEXUALIDADE

Apuleio enfatiza, no início do mito, a virgindade de Psiquê ao descrevê-la como “[...] enfeitada com a flor da virgindade”³(Apul, *Met.* IV). No livro V, quando Psiquê vai se deitar ao cair da noite no palácio, ela percebe a presença de seu marido desconhecido no seu leito, que tem como objetivo consumir o casamento. O autor descreve o ato do marido da seguinte forma: “Subiu ao leito, fez de Psiquê sua mulher, e antes que surgisse a luz do dia, partiu apressado”⁴(Apul, *Met.* V). De acordo com Aline Rousselle (1990, p. 355), a virgindade da mulher desposada era um elemento essencial nos romances pagãos da Antiguidade. Logo, a virgindade de Psiquê antes do casamento é ressaltada para que mostre a importância de sua primeira experiência sexual com o marido.

³ No latim: *Virginali flore praeditam pullulasse.*

⁴ No latim: *lamque aderat ignobilis maritus et torum inscederat et uxorem sibi Psychen fecerat et ante lucis exortum propere discesserat.*

Na cena da primeira relação sexual de Psiquê, ela se mostra temerosa por sua virgindade. Toda a descrição do ato mostra que a escolha sobre a relação sexual não estava com Psiquê e sim com seu marido, que possuía o direito de tomar-lhe a virgindade. Logo após o ato, “[...] as vozes, prontas junto do quarto, prestaram seus cuidados à recém-casada, da qual fora imolada a virgindade”⁵ (Apul, *Met.* V). Contudo, após ter sua primeira relação sexual, acontece uma transformação com Psiquê: “Como quis a natureza, à novidade do prazer o hábito acrescentou uma doçura a mais, e o som da misteriosa voz consolava-a da sua solidão”⁶(Apul, *Met.* V). A partir desse momento, Psiquê será vista e enxergará a si mesma como uma nova mulher, com poderes e oportunidades até então desconhecidos por ela.

Ao ficar grávida, Psiquê se deslumbra com a expectativa de atingir um novo *status* na sociedade “[...] rejubilava-se com a dignidade que lhe conferia o título de mãe”⁷(Apul, *Met.* V). Luciane Omena debate sobre como a necessidade de gerar filhos legítimos permitia que as mulheres tivessem mais poder na relação com o marido do que com o pai:

Apesar das limitações que lhe impunham a ordem tradicional, a esposa podia ganhar um espaço nas discussões a respeito de seus destinos. Suas chances de intervenção se ampliavam mais com o marido, do que seria possível com o pai. Na casa deste, não cabia a ela a organização doméstica. Aí ela permanecia em posição secundária, pelo fato de não poder gerar filhos legítimos. E esse segundo dado talvez seja o mais importante. O poder de realizar a procriação era um poderoso instrumento de afirmação. A esposa sempre poderia procurar obter vantagens em nome da fertilidade. (OMENA, 2001, p. 71).

⁵ No latim: *Statim vocês cubiculo praestolatae novam nuptam interfectae virginitatis curant.*

⁶ No latim: *Haec diutino tempore sic agebantur. Atque ut est natura redditum, novitas per assiduam consuetudinem ei commendarat et sonus vocis incertae solitudinis erat solacium.*

⁷ No latim: *Nuntio Psyche laeta florebat et divinae subolis solacio plaudebat et futuri pignoris gloria gestiebat et materni nominis dignitae gaudebat.*

De acordo com Aline Rousselle (1990, p. 380), o homem que procurava sua esposa constantemente em busca de prazer era criticado por se deixar levar pela carnalidade. Além disso, algumas consequências negativas poderiam ser causadas se as esposas conhecessem o amor sexual:

As esposas que o marido visitavam muitas vezes tomavam gosto pelo amor. Eram elas que corriam o risco do adultério e que, uma vez viúvas e casadas pela segunda vez com um homem que as abandonava, sabiam o que pedir a um amante. É por isso que se não deve ensinar o amor às esposas, segundo o conselho de Plutarco. Há uma contradição entre a vontade de ver nascer filhos legítimos numerosos, e de exaltar o valor do casamento na procriação, e a vontade de punir as manifestações de desejo nas esposas. Tudo isto podia ser conciliado se os maridos só tivessem com elas relações de procriação. (ROUSSELLE, 1990, p. 385).

Após se tornar uma mulher casada, Apuleio passa a descrever Psiquê de uma maneira mais ardilosa e autônoma: “[...] à força de súplicas e ameaçando morrer, arrancou ao marido a permissão tão desejada de ver as irmãs [...]”⁸(Apul, *Met.* V). Ela se sente mais confiante para pedir mais coisas e assumir uma autoridade no relacionamento:

Nem mesmo Cupido é comparável a ti. Entretanto, eu te imploro, eu te suplico, tu podes conceder-me ainda isto: ordena a Zéfiro, teu servidor, que transporte minhas irmãs pelo mesmo caminho pelo qual eu vim e que mas traga aqui. Cobrindo-o de perturbadores beijos, emocionando-o com ternas palavras, e enlaçando-o blandiciosa, acrescentou às carícias nomes como: ‘meu queridinho, meu marido, doçura da alma da tua Psiquê’. O marido sucumbiu à força e ao poder de Vênus, às palavras de amor murmuradas em voz baixa. Cedendo, apesar de o lamentar, prometeu tudo quanto ela quis.⁹(Apul, *Met.* V).

⁸ No latim: *Tunc illa precibus dum se morituram comminatur extorquet a marito cupidis adnuat.*

⁹ No latim: *Amo enim et effectim te, quicumque es, diligo aequè ut meum spiritum, nec ipsi Cupidini comparo. Sed istud etiam meis precibus, oro, largire et illo tuo famulo Zephyro praecipe similli vectura sorores hic mihi sistat, et imprimens oscula suasoria et*

Quando o marido de Psiquê lhe avisa que uma ameaça mortal a ronda e que ela não deve entrar em contato com suas irmãs, a princesa concorda com o pedido mesmo se sentindo muito sozinha e com saudades de sua família. Apesar de se esforçar para obedecer, Psiquê se permite sentir muita tristeza e sofrimento por estar condenada a viver reclusa no palácio. Diferentemente de quando recebeu a ordem de seu pai de se casar com um monstro terrível e ir embora de sua casa. Pela primeira vez, Psiquê se entrega aos seus sentimentos mais profundos e vive a sua tristeza. Ela demonstra não ter receio de expor os seus sentimentos ao marido da mesma forma que tinha com o pai porque, como esposa, ela tem liberdade para isso.

A juventude leviana dos rapazes romanos que visitavam prostíbulos e mantinham concubinas até se tornarem *patres familiae* é substituída por uma moral romana no século II da era cristã. Essa nova moral valorizava a castidade e abstinência sexual até mesmo para os rapazes, para que a sexualidade conjugal fosse apenas para gerar os filhos legítimos, pois o prazer seria um vício perigoso (VEYNE, 1994, p. 190).

A paixão amorosa era temível, pois tornava um homem livre escravo de uma mulher. Quando um romano se apaixonava, era visto como alguém que perdeu a cabeça por uma mulher devido à sua sensualidade, e faria o que ela lhe ordenasse (VEYNE, 1994, p. 193). Os poetas eróticos não ousavam enaltecer tais excessos abertamente, “levavam o leitor a desejá-los cantando-os com uma engraçada inversão da normalidade, um paradoxo humorístico” (VEYNE, 1994, p. 198). Sendo assim, o objetivo de Apuleio ao escrever cenas com Psiquê fazendo seu marido ceder aos seus pedidos através de sua sensualidade não era para enaltecer esse comportamento ou provocar descrença e revolta em seus leitores, e sim provocar risos e bom humor.

ingerens verba mulcentia et inserens membra cohibentia haec etiam blanditiis astruit: 'Mi mellite, mi marite, tuae Psychae dulcis anima'. Vi ac potestate Venerii sussurrus invitus succubuit maritus et cuncta se facturum spondit atque etiam luce proxumante de manibus uxoris evanuit.

Uma visão contrária é apresentada por Luciane Omena (2001, p. 72): a necessidade de Psiquê de rever seus familiares surge da nova posição que ela passou a ocupar na sociedade. Ao morar em um palácio com escravos invisíveis e sem saber a verdadeira identidade de seu esposo, Psiquê se sente excluída das relações sociais e busca construir para si novos vínculos sociais. Por conseguinte, Omena rompe com a historiografia conservadora que vê a mulher como presa ao lar: “[...] note-se que a mesma Psiquê que não questionou que o pai sacrificasse sua vida não admitia que seu marido a mantivesse “enterrada-viva” em casa. O contraste é eloquente.” (OMENA, 2001, p. 72).

Nas cenas das relações sexuais de Psiquê, a escuridão é sempre enfatizada por Apuleio. Nos primeiros momentos do mito, Eros só aparece no escuro para Psiquê não ver o seu rosto. Contudo, a escuridão e o ato sexual também possuem uma ligação na Antiguidade romana. Os textos literários eróticos indicavam quais eram as atitudes consideradas eróticas na sociedade, e fazer amor sem nenhuma roupa à luz do dia era considerado uma atitude libertina (VEYNE, 1994, p. 202). Portanto, as luzes apagadas no momento da união do casal apresentam esse duplo sentido na obra apuleiana. Michel Foucault comenta que esse costume evitava que o casal ficasse imaginando e rememorando a cena: “[...] não ver o sujeito precavém contra as imagens que poderiam gravar-se na alma, aí permanecer e voltar de maneira inoportuna” (FOUCAULT, 1985, p. 140). Dessa forma, o sujeito não se distrai de suas obrigações.

No decorrer da obra, Apuleio descreve como, cada vez mais, Eros vai se apaixonando e cedendo às vontades de sua esposa conforme eles passam mais tempo juntos. Depois que sua verdadeira identidade é exposta e ele foge de Psiquê, o deus passa a viver em sofrimento e angústia por sentir falta de sua amada. O mito escrito por Apuleio apresenta semelhanças com a filosofia platônica, ao apresentar a transformação gradativa de Psiquê: de um amor unicamente corpóreo

para um amor completo, onde o corpo se une à alma (FURLANI, 2019, p. 156).

Psiquê é a alma humana cheia de paixão e sentimentos, e Eros é o desejo divino, a força incontrolável dos sentidos. São duas metades que se completam quando juntas e que precisam uma da outra, é o amor sagrado de encontro com sua materialidade. “Eros não poderia mais viver sem o sabor da densidade da alma humana; sem sentir a dor da ausência de outrem em sua carne” (LEITE, 2012, p. 05). As provações impostas à Psiquê permitem que ela evolua, e assim, possa ascender com Eros de forma completa e perfeita (FURLANI, 2019, p. 177). Sem Psiquê, Eros nunca mais se sentiria completo por não vivenciar mais o amor humano em sua carnalidade.

A trajetória de Psiquê é marcada por muitos atos de coragem, determinação e escolhas. Ela se adapta a um casamento que inicialmente não queria, se utiliza da sedução para convencer o marido a ceder aos seus pedidos, planeja matá-lo ao temer sua verdadeira natureza, e supera inúmeras adversidades para conquistar o seu amor novamente quando se percebe apaixonada por ele. Luciane Omena vê em Psiquê uma grande emancipação no interior do casamento: “Sua autonomia pode se ampliar pelo fato de ser sustentáculo de uma instituição a que se conferia uma enorme importância, que era simbolicamente representada pelo dever cívico e pela fertilidade” (OMENA, 2001, p. 74). O mito se inicia com uma princesa inocente que aceita um destino trágico, e se encerra com uma mulher que enfrenta deuses para lutar por aquilo que deseja.

CONCLUSÃO

Por mais que a luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres tenha ganhado um reconhecimento como organização social nos movimentos feministas do século XX, não se pode atribuir a percepção de que somente a partir do século XX as mulheres decidiram

lutar por seu próprio corpo e seu próprio prazer. De inúmeras formas, dentro dos limites em que se inseriam, as mulheres encontraram meios de conquistar independência e se inserirem em ambientes que lhe eram negados.

Infelizmente, as fontes que permitem um estudo sobre o papel feminino na Roma Antiga foram, em grande parte, feitas por homens e através da representação feita por eles, como a obra *O Asno de Ouro* de autoria de Apuleio. Entretanto, mesmo com um material feito por um homem, é possível chegar às considerações sobre a sexualidade feminina na Roma do século II d.C. Um documento não carrega apenas as intenções do autor, mas também aquelas da sociedade na qual ele está inserido. Já que a visão de mundo não é determinada apenas pelas ideologias particulares de um indivíduo, ela também carrega as condições sociopolíticas do contexto histórico em que esse indivíduo está inserido (CHARTIER, 1990, p. 55).

Ao descrever personagens femininas que usufruem de seus próprios corpos na busca pelo prazer, e que fazem o uso do seu corpo como um meio de se atingir seus objetivos, é possível questionar o quanto Apuleio estaria se referindo sobre o seu próprio ambiente social e à sua interpretação sobre aqueles que não faziam parte da sua realidade política, social, moral e religiosa.

Em relação à Psiquê, a personagem não almejava uma mudança no seu *status* social, mas uma autonomia de si mesma dentro do ambiente de seu lar. O seu objetivo era obter autoridade em relação ao seu marido, o que era impossível obter com seu pai. Ao se tornar esposa e matrona ela almejava não ser apenas a senhora do lar, mas também senhora de si mesma, dona de seus desejos e sua sensualidade.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Apul, *Met.* – Apuleius, *Metamorphoses*

(Apuleio, *Metamorphoses* ou *O Asno de Ouro*).

FONTES

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Edição bilíngue. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2020. Título original: *Asinus aureus*.

APULEIUS, *The Golden Ass*. Translated by P. G. Walsh. Oxford University Press, USA, 2008. Título original: *Asinus aureus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, v.1, p. 225-300.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. A posição da mulher na Roma Antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. In: FEITOSA, Lourdes Conde; FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José (orgs). *Amor, desejo e poder na antiguidade*. relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Unicamp, 2003, p.287-295.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUARTE, Adriane da Silva. Apresentação. In: APULEIO. *O Asno de Ouro*. São Paulo: Editora 34, 2020. p. 07-22.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). Introdução. In: *História das mulheres no Ocidente*. Direção de Pauline Schmitt Pantel. Porto: Afrontamentos, 1990, v.1. p.15-50.

FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antiguidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, 2008. Editora UFPR, p. 119-135.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, v.3.

_____, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, v.2.

FURLANI, João Carlos. *As Metamorphoses* ou *O Asno de Ouro*, de Apuleio de Madaura: possibilidades de análise para o Norte de África. In: FURLANI, João Carlos (org). *A África no Mundo Antigo*. possibilidades de ensino e pesquisa. Serra: Editora Milfontes, 2019. p. 143-184.

LEITE, José Lourenço Araújo. Eros: Da Concupiscência à Melancolia. *Repositório UFBA*, Bahia, 2012, p. 01-17. Disponível em: Universidade Federal da Bahia: Eros: da Concupiscência à Melancolia (ufba.br). Acesso em: 06 Jun. 2023.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. *Mandrágora*, v.19. n.19, 2013, p. 05-15.

OMENA, Luciane Munhoz de. As estratégias de afirmação social das mulheres no romance *O asno de ouro*, de Lúcio Apuleio. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.34, p.65-88, 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2659/2196>. Acesso em: 06 Jun. 2023.

ROUSSELLE, Aline. A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele (orgs). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamentos, 1990, v.1. p. 351-407.

RUSSEL, Amy. *The politics of public space in Republican Rome*. Cambridge University Press, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 63-98.

SILVA, Semíramis Corsi. O contexto geográfico-cultural apresentado na Apologia de Apuleio: a África Romana no século II d.C. In: *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*. v.1, n.005, 2010, p. 38-58. Disponível em: O contexto geográfico-cultural de Apuleio: aspectos da frica Romana no discurso Apologia (sculo II d (antiguidadeclassica.com.br). Acesso em: 06 Jun. 2022

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. v.1. p. 19-224.